

UMA CÂMARA EM AÇÃO

Teresinha Oliveira FAVERO
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Todos nós aqui presentes, em busca de discussões sobre a linguagem, não poderíamos escolher melhor companhia, nesta semana, que Michel Pêcheux e a Análise de Discurso (AD daqui em diante). Minha intervenção como debatedora se fará trazendo exemplos para análise discursiva, aplicando os princípios teóricos apresentados, em especial as **condições de produção**. Os comentários de alguns tópicos das falas aqui proferidas pelos professores que me antecederam - Prof. José Horta Nunes (UNESP) e Prof^a Aracy Ernst-Pereira (UCPEL) - serão feitos para resgatar as idéias do texto original "*A Semântica e o corte Saussuriano: língua, linguagem, discurso*", proposto para este Painel.

Primeiro exemplo: uma vez vi um filme - e incrivelmente esqueci seu título e enredo - do qual lembro apenas a cena inicial, que irei relatar porque ilustra tudo que até agora foi trazido à discussão. Aparece a imagem de uma família, pai, mãe e filhos, num piquenique sobre um espaço coberto por grama. A câmara que filma está posicionada um pouco ao alto, inicialmente distanciada de uns dois ou três metros. Ela vai gradativamente se afastando para cima e, à medida que se afasta, a família vai se integrando à paisagem, em formas e cores, de modo que chega um momento em que não se distingue mais as figuras humanas e o cenário. A câmara continua no processo de afastamento e se vê a praça toda, depois as ruas, depois o bairro, a cidade, o estado, o país, os continentes. A câmara rompe a atmosfera e se vê a Terra, o espaço e, por fim, o Universo. Todo o processo é lento, mas contínuo. Até que a câmara pára por alguns segundos e, em seguida, volta, dessa vez rapidamente. Ao retornar ao ponto de partida, não pára e continua se aproximando, até que chega ao braço do pai. E continua se aproximando... atravessa a pele, as artérias, os músculos, os ossos, o sangue, e chega às células, que se ampliam e vão se dividindo e, assim, formando novas células.

O sentido do texto proposto se modificava, a cada momento, pela perspectiva imposta. O leitor era, a cada momento, dependendo da perspectiva instaurada pela câmara, impelido a buscar um novo sentido que, certamente, não era o mesmo para todos. Se esqueci todo o resto do filme e gravei apenas essa tomada inicial é porque ela foi, para mim, extremamente significativa. A assertiva de Saussure: "*o ponto de vista cria o objeto*" (Saussure, 2000, p15) é retomada por nossos autores, C. Haroche, P. Henry e M. Pêcheux, que reiteram essa visão mais de uma vez ao afirmar que "*a semântica (...) pressupõe uma mudança de terreno ou de perspectiva*".(1971, p.136)

Assim, enunciam os objetivos do artigo: 1) reiterar e desenvolver as teses críticas necessárias à Lingüística do momento; 2) indicar como se podia conceber, na época, uma mudança de terreno ou de perspectiva que lhes parecia indispensável. (1971, p. 136) Seguem retomando e criticando aspectos do Curso de Lingüística Geral (CLG), cujos pressupostos seriam indispensáveis à AD apenas como ponto de partida para uma teoria semântica da língua, ao mesmo tempo em que vão anunciando princípios próprios.

Desses, transcreveremos alguns trechos comentados que julgamos ousados para a época em que foram enunciados:

1. "***O princípio da subordinação da significação ao valor pode, para nós, ser considerado como o núcleo da ruptura saussuriana***". (1971, p.138)

Neste momento, os autores destacam o valor como um aspecto inovador do CLG, uma vez que, até aquele momento, a significação era considerada uma propriedade exclusiva da palavra e não como elemento de um sistema estruturado. Ao mesmo tempo, apontam as falhas para as quais oferecem uma nova visão:

2. "***Ao declarar que 'a significação é de ordem da palavra e do sujeito, e de que somente o valor concerne à língua'- o CLG determina uma ruptura que, 'se abre caminho à fonologia, à sintaxe e à morfologia, deixa fora de seu campo uma boa parte daquilo que chamamos semântica'*** (Idem, p.139)

Reconhecendo a importância da ruptura saussuriana, todavia os autores descobrem a brecha que possibilitou a eles inovar no campo semântico da linguagem. Nessa perspectiva, da AD, discurso não se equivale a texto, mas a um construto abstrato teórico que se refere a posições ideológicas de diferentes formações discursivas, representadas por diversos textos em

diferentes momentos, incluindo, também, textos ainda não produzidos.

3. *"Com efeito, as condições sócio-históricas de um texto não são nunca secundárias e/ou acrescidas à significação, mas **constitutivas** dos efeitos de sentido produzidos a partir dele"* (Idem, p.141)

Avançam, desse modo, para um terreno interdito, a **fala**, que lhes permitiria chegar ao discurso:

4) *"A oposição língua/fala introduzida por Saussure se encontra repetida analogicamente no interior da fala sob a oposição sistema/criatividade (resultante da transposição de oposições como paradigma/sintagma, sincronia/diacronia, etc.)" Assim, "...os vários planos de leitura correspondem aos vários encadeamentos possíveis dos elementos de significação presos em cada agrupamento. À ruptura sobre o plano teórico corresponde uma transformação profunda da prática do lingüista sobre a linguagem.*" (Idem, p.142-143)

O princípio da unidade da língua na constituição da fonologia ou da sintaxe de tal ou qual língua provoca a interferência de critérios semânticos, pois, para eles:

5) *"...o princípio de unidade da língua, que dá origem à prática do lingüista sobre a linguagem, não pode funcionar sem que certos elementos semânticos sejam supostamente conhecidos".* (Idem, p. 144)

Todavia afirmam que:

6) *"o mal entendido consistiria com efeito, aqui, em pensar que é suficiente fazer a crítica a uma ideologia teórica para destruí-la, a ela e a seus efeitos práticos (as análises de conteúdo diariamente aplicadas em questionários, entrevistas, arquivos, nas diferentes 'ciências sociais')" por isso "é preciso dizer que essa substituição é também um deslocamento, isto é, uma "mudança de terreno".*(p.147)

Neste momento, os autores determinam sua perspectiva para a proposta de uma semântica discursiva:

7) *"... assumimos a posição materialista por duas necessidades: lutar a) contra o empirismo para descartar a problemática subjetivista centrada no indivíduo; b) contra o formalismo para não*

confundir a língua, como objeto da Lingüística, com o vasto campo da linguagem" quando novos objetos serão introduzidos, pois determinam as formas e os conteúdos da mudança".

E esse ponto de vista é o Materialismo Histórico que constrói algumas categorias que serão retomadas e reinterpretadas pela AD, como:

8) "**Formações**: produto de antagonismo, de aliança ou de dominação entre as classes; modo de produção; **hierarquia de práticas**; aparelhos, através dos quais se realizam as práticas; **posições políticas e ideológicas**, que, não sendo individuais, se organizam em formações, dando origem às formações ideológicas, que comportam, necessariamente, como um de seus traços, uma ou mais formações discursivas, interligadas, que determinam: **o que se pode e o que se deve dizer** (articulando-se com a forma de uma arenga - alocução - de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) - a partir de **uma dada posição em uma dada conjuntura**."(Idem, p.148)

(...)

Trata-se, então, não mais somente da natureza das palavras empregadas, mas também - e sobretudo - das condições sob as quais essas palavras se combinam, na medida em que elas determinam a significação que adquirem essas palavras... " (...) "as palavras mudam de sentido de acordo com as posições a partir daqueles que as empregam (diria também daqueles que as interpretam) (...) passam de uma FD a outra " (Idem, p.148)

Aqui aparece a ruptura mais ousada, que chamarei "pêcheutiana", pois a significação passa a ser vista não mais dependente da língua, mas subordinada a espaços ideológicos que se concretizam na fala, determinada discursivamente.

9) "*Uma Semântica suscetível de descrever cientificamente uma Formação discursiva, assim como as condições de passagem de uma formação a outra, não se restringe a uma Sêmântica lexical (ou gramatical) mas deve ter, fundamentalmente, por objeto dar conta dos **processos** que regem a disposição dos termos em uma seqüência discursiva, e isso em função das condições sob as quais essa seqüência é produzida - chamaremos 'Semântica discursiva' à análise científica dos processos característicos de uma Formação Discursiva - essa análise tem de dar conta dos laços que ligam esses processos às condições sob as quais o discurso é produzido, isto é, as posições às quais ele deve ser referido.*" (Idem, p.149)

Estava anunciada, desse modo, uma nova perspectiva semântica que iria revolucionar a ordem vigente dos estudos lingüísticos.

Negam algumas críticas que consideram como **equivoco** feitas à Análise Automática do Discurso (AAD): 1) deduzir que o que precede a língua como realidade desapareceria; 2) que a Lingüística deve ceder seu lugar ao Materialismo Histórico; 3) que a Gramática ela mesma, em realidade, não é mais que um trabalho da luta de classes. (Idem, p.149)

Desse modo, segundo os autores, duas questões são propostas:

1. *Definir qual Semântica que a Lingüística pode legitimamente usar na sua prática lingüística (análise fonológica, morfológica ou sintática) - trazer para esse campo a questão da identidade do sentido. (...) a noção de aceitabilidade - semântica e gramatical - que necessita ser definida, precisada, pelos lingüistas no campo específico de sua prática;*
2. *Sublinhar, para os estudos lingüísticos, a importância da relação enunciado/enunciação, através da qual o S falante toma posição de acordo com as representações que lhes dão suporte - essas se encontram realizadas pelo pré-construído lingüisticamente analisável. (Idem p.153)*

Segundo exemplo: o texto que trago para ilustrar tudo que tratamos refere-se à palavra MUDANÇA, que apareceu em vários textos da recente campanha eleitoral para presidente (2002), utilizada pelo candidato vencedor muitas vezes, mesmo em seu discurso de posse, como representante dos partidos de oposição ao governo anterior. O dicionário Aurélio nos diz que *MUDANÇA é o ato ou efeito de mudar*. Ingenuamente se pode pensar que o conhecimento do significado literal de uma palavra (e sabemos que ele não existe) nos garante por si uma "boa" leitura.

Contrariamente ao sentido literal, a AD nos propõe a memória discursiva como parte das condições de produção.

Isso possibilitaria distinguir o que Eni Orlandi (1993, p.20) denomina de **leitura parafrástica**, quando apenas se reproduz o texto, em oposição ao que ela nomeia como **leitura polissêmica**, que se caracteriza pela atribuição de múltiplos sentidos ao texto. São *"os trapos de diversos tamanhos, as mil formas e cores variadas, de idades diversas, de diferentes proveniências, mal alinhavados, justapostos sem harmonia, sem nenhuma atenção às combinações, remendados, segundo as circunstâncias, à medida*

das necessidades, dos acidentes e das contingências" de que nos falou nossa companheira de mesa, que nos antecedeu.

Por isso, dadas as circunstâncias - e todos nós brasileiros as conhecemos -, diferentes efeitos de sentido essa mesma palavra possibilitava construir.

Analisemos:

- A palavra foi empregada várias vezes por Lula, candidato a presidente pela 4^a vez pelo Partido dos Trabalhadores, partido de esquerda com uma história de mais de 20 anos no Brasil. Seu discurso se construiu no interior de uma FD de um partido político que agrega posições heterogêneas, mas que foi marcado pela luta pelos direitos dos trabalhadores.
- Participam desse discurso, na cena enunciativa, diferentes leitores para os quais o Discurso é dirigido, entre eles os **brasileiros** (votantes e não votantes, de oposição ou de situação, funcionários públicos ou da iniciativa privada, banqueiros, comerciantes, camelôs, estudantes, integrantes do MST, políticos, honestos e desonestos, de esquerda, de centro e de direita, filiados ao partido ou dele simpatizantes, ou ainda, mesmo que de esquerda, em posição de antagonismo ao partido, jovens, adultos e velhos, etc.), **comunidade internacional** (América Latina, países subdesenvolvidos, comunidade europeia, americanos, FMI, etc.)
- Diferentes momentos: ANTES da eleição; hoje, DEPOIS da eleição, decorridos onze meses da posse.

Os efeitos de sentido seriam múltiplos nos diferentes momentos e nos diferentes grupos, constituindo-se uma **promessa** ou uma **ameaça**, dependendo da Formação Ideológica dos sujeitos envolvidos.

As reações provocadas também seriam diversas. Para aqueles que lessem o discurso como uma promessa, reações de alegria, de esperança de que o Brasil andaria melhor, de esperança de que todos os problemas se resolveriam, de consolo em saber que a honestidade seria premiada e a desonestidade punida e muitas outras; para aqueles que lessem o discurso como ameaça, as reações poderiam de raiva, de medo do desconhecido, de medo da incompetência, de medo da ignorância, de medo de perder privilégios, de pavor em ser descoberto, de medo da esquerda "enlouquecida", de medo de tudo isso junto e tantas outras.

Na semana passada, como prova de que o Discurso não tem princípio nem fim, o Partido Democrático Trabalhista, com Brizola, fez várias inserções na TV, utilizando o seguinte enunciado: "*O povo brasileiro deve exigir do governo Lula uma **mudança** de*

*rumo. O povo brasileiro o elegeu para que **mudasse** o país e não para que **mudasse de lado**".*

Outros efeitos de sentido nesse texto seriam possíveis para a palavra **mudança**, mas a **crítica** se encontraria sempre presente. Novamente as condições de produção (troca de locutor, interlocutores (infinito número de leitores reais), momento, etc.) constituem o discurso, ressignificando a palavra, que foge ao controle do seu produtor.

Resumindo, a **produção/leitura** - pela AD entendidas como um mesmo processo - é, pois, **regulada pelas condições de produção**. De qualquer modo, produzir ou ler (que é sempre produção), é saber que não existe controle nem uniformidade no sentido. Retomo o texto da professora Aracy Ernst-Pereira que nos trouxe de forma feliz a metáfora do Arlequim. Não é só o casaco o indicador da heterogeneidade, mas a pele, fazendo parte do sujeito ele mesmo. As parcelas individuais e o todo são constituídos heterogeneamente, impedindo, de forma definitiva, a homogeneização, como lembrou o Prof. José Horta Nunes.

Para finalizar, voltaremos ao texto original, tema desta discussão. Hoje, em 2003, mesmo após trinta e dois anos de sua publicação, apresenta quase todos os conceitos fundamentais para a AD, tais como: as relações da AD com a Lingüística, sem pretensão de substituí-la; o discurso, como um espaço situado entre a língua e a fala; os pares sistema/ criatividade ou unidade/heterogeneidade na fala; a posição-sujeito como lugar não individual; a falha/ equívoco da língua; as formações sociais; as formações discursivas; as formações ideológicas; a diferença sentido/significação; os efeitos de sentido (leitura e produção) cambiáveis em cada evento enunciativo; as condições de produção como constitutivas e não agregadas ao discurso; as representações que suportam o discurso - formações imaginárias, como imagens construídas entre os interlocutores; o pré-construído, como interferência decisiva na construção do sentido; e, finalmente, a apresentação clara e coerente de uma Semântica Discursiva.

Concluindo, lembramos que é função primeira da língua significar, pois só assim faz sentido sua existência. Por tudo isso, este artigo, hoje discutido, é um texto que, obrigatoriamente, tem que ser lido e relido por aqueles que se interessam em trabalhar com a linguagem e que não se satisfazem apenas com a descrição lingüística,

principalmente nas questões relativas ao significado. Pois é preciso nunca esquecer que "o sentido sempre pode ser outro".

BIBLIOGRAFIA

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. 24. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

HAROCHE, Claudine; **HENRY**, Paul; **PÊCHEUX**, Michel. La sémantique et la coupure saussurienne. *Langages*, Paris, n. 24 , p.133-153, 1971.

ORLANDI, Eni. *Discurso & leitura*. São Paulo: Cortez, 1993.

PÊCHEUX, Michel. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.